

ARTIGO

# Aldeia global ou conectada?

As ideias de Marshall McLuhan ainda ecoam nos dias de hoje e ressoam em obras de autores contemporâneos como Joël de Rosnay e o renomado Pierre Lévy. Uma herança que ainda encontra espaço na Teoria da Comunicação

RICARDO JORGE\*  
Especial para o Caderno 3

Em uma das melhores cenas do filme "Noivo Neurótico, Noiva Nervosa" (1977), de Woody Allen, a personalidade do ator-diretor bate boca com um suposto intelectual, professor de Mídia e Cultura, numa fila de cinema (após, obviamente, ter discutido sobre sua vida sexual com a personagem de Diane Keaton nessa mesma fila de cinema). Diante de um certo impasse entre ambos, Woody Allen resolve deixar tudo às claras puxando de trás de um cartaz de um filme nada mais nada menos do que Marshall McLuhan, que afirma que o tal professor não entendeu nada do que o pensador escreveu...

Esse é um dos mais curiosos exemplos que ajudam a entender o fenômeno pop que foi McLuhan nos anos 1960 e 1970. De um lado, foi o pesquisador da área de Comunicação mais celebrado pela própria mídia - principalmente após ter elevado os funcionários do universo midiático (jornalistas, em particular) à condição de "vanguarda do progresso cultural". De outro, não deixa de ser curioso que McLuhan (interpretando a si próprio no filme, vale lembrar), diga ao tal professor (que não deixa de representar uma certa ala da inteligência norte-americana, no mínimo) que ele não entendeu nada do que escreveu, justamente num filme cinematográfico.

## Determinismo tecnológico

Qual o significado disso? Há várias questões em jogo, mas elegendas uma para discutir rapidamente aqui. Pode-se dizer que o pensamento de McLuhan celebra, de um certo modo, um ideal de "democracia eletrônica", baseado na noção de que a eletricidade e os meios de comunicação que dela são filhos ("dependentes", diríamos nós) irão nos proporcionar uma "aldeia global".

Finalmente, McLuhan se insere dentro daquela linha de pensamento que os teóricos chamam de "determinismo tecnológico",

ou seja, de que as culturas humanas são determinadas pelas tecnologias que escolhem utilizar - na verdade, uma continuação do pensamento do também canadense Harold Innis, nos anos 1940 e 1950.

Essa noção de proximidade entre mundos distintos e a distância não é nova. O pesquisador moçambicano José Rodrigues dos Santos, no livro "Comunicação", lembra que Samuel Morse afirmava, em 1838, que o telégrafo ia difundir o conhecimento humano, fazendo dos demais países "uma vizinhança". Além disso, no mesmo 1969 em que McLuhan publica, junto com Quentin Fiore, seu "Guerra e Paz na Aldeia Global", o cien-

**\* Marshall McLuhan foi o pesquisador da área de Comunicação mais celebrado pela própria mídia**

**\* Olhar do autor canadense é muito mais antropológico do que de qualquer outro pesquisador da área**

tista político Zbigniew Brzezinski lança a obra "America's Role in the Technetronic Era", na qual propõe o conceito de "cidade global", resultado da "tecnetrônica", ou seja, do cruzamento entre computador, televisão e telecomunicações.

Isso tudo não foi por acaso: havia um certo frisson no ar naquele período, por conta tanto da contracultura (e de seus ideias de libertação/liberação, política, sexual, sensorial etc.) quanto do desenvolvimento das telecomunicações e da informática (lembramos que o computador HAL do filme "2001", de Kubrick, torna-se conhecido nos anos 1969). Ou seja: algo estava em vias de acontecer, ainda que não se soubesse exatamente o quê...

Esse "exatamente o quê" surgiu muito mais por conta do

## AUTORES

**JOËL DE ROSNAY** - Francês, cientista e biólogo molecular, ele tem vários textos sobre a origem da vida, tendo publicado, entre outros o livro "As origens da vida".

**PIERRE LÉVY** - Um dos mais conceituados autores da cibercultura, sendo considerado o maior pensador da web. O francês já lançou uma série de obras clássicas sobre o ciberespaço: "A Inteligência Coletiva", "A Conexão Planetária", "As Tecnologias da Inteligência" e "Cibercultura", todas influenciando de alguma forma o pensamento moderno sobre o homem e suas relações com as novas tecnologias cada vez mais presente na sociedade.

desenvolvimento das telecomunicações e da informática do que da agenda contracultural que vingou apenas parcialmente (mas isso é outro assunto). Na prática, a "Aldeia Global" existe em função da crescente interligação entre meios e suportes - felizmente, pois o temor de frankfurtianos e pessimistas em geral era de que ocorresse uma suposta homogeneização cultural, o que ainda parece (a nosso ver) algo distante, para não dizer impossível (mas isso também é um outro assunto).

## Olhar antropológico

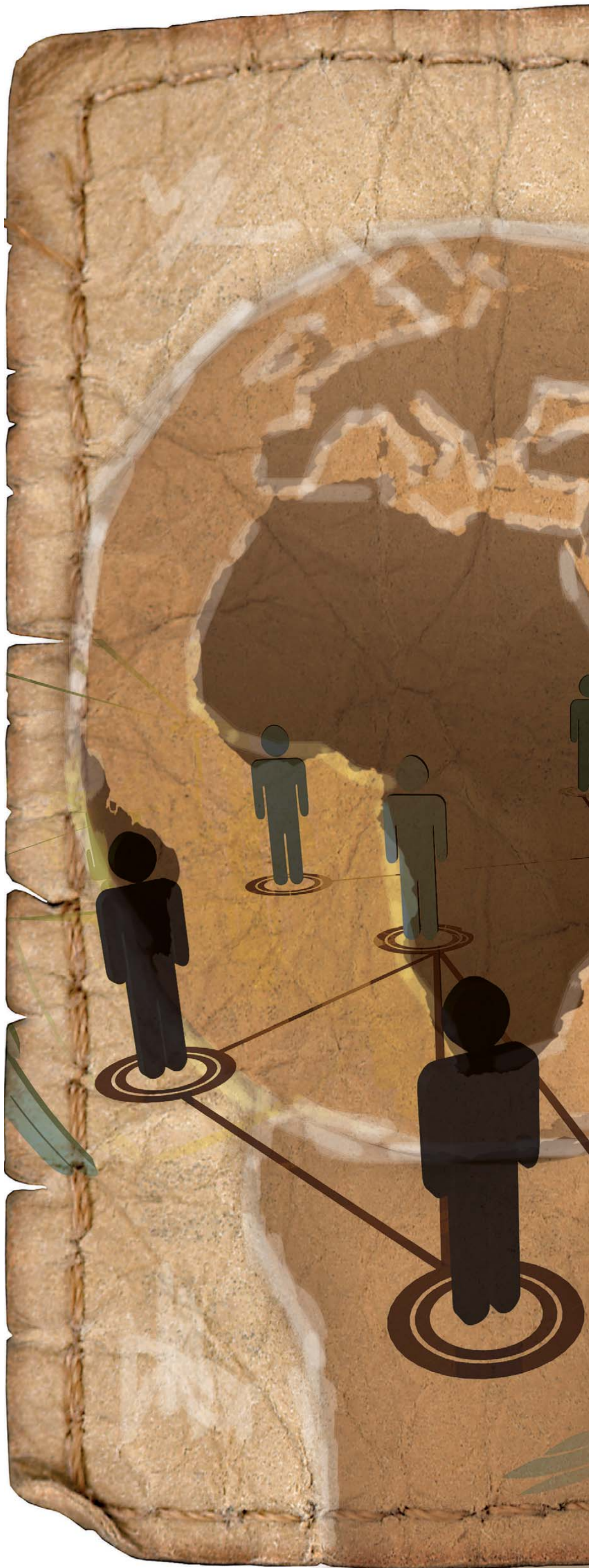
Mas a ideia dessa "comunidade interligada" deixou herdeiros, apesar de tudo. Um deles é o pesquisador francês Joël de Rosnay, que falou na metade dos anos 1980 em um "cérebro planetário", ou seja, em uma rede de telecomunicações que interliga todos os homens, que seriam os "neurônios do planeta Terra".

O outro é o também francês Pierre Lévy, que crê no ideal da inteligência coletiva, descrita por ele, na metade dos anos 1990, como "uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências". Em ambos os casos, a premissa é sempre a mesma: basta que nos conectemos uns aos outros, e a coisa parece que vai funcionar.

O olhar de McLuhan é muito mais próximo do antropológico do que de qualquer outro. Sua virtude foi a de concentrar-se na relação entre sujeitos e meios tecnológicos e nas consequentes implicações antropológico-culturais desse fenômeno; porém, ao se centrar apenas nisso (que justifica sua famosa idéia-slogan "o meio é a mensagem"), acaba por deixar de lado outros modos de se perceber a relação entre homens e meios de comunicação.

Assim, pensar a "Aldeia Global" nos termos de McLuhan parece equivaler à ideia de "acesso aos meios", como se apenas isso bastasse para que se instaurasse um novo tipo de democracia. Desse ponto de vista, o acesso a um meio é uma espécie de equivalente do voto. Mas, como nos lembra o pesquisador argentino Eliseo Verón, o paradoxo da democracia não é nos fazer crer que somos todos comparáveis, iguais ("cidadãos"), mesmo que a sociedade democrática seja aquela que produz constantemente nossas diferenças? ■

\* Ricardo Jorge é jornalista, professor do curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará e doutorando em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco.



**MULTIPLEX UCI RIBEIRO**  
**SHOPPING IGUATEMI**  
**FAIXA NOBRE**  
**19h30**  
**2ª, 21 a 5ª feira, 24**

**RINDO À TOA**  
SOPHIE MARCEAU  
CHRISTA THERET

**CINEMA arte**  
46 anos de espetáculo, debate e cultura.  
www.cinemadecarte.com.br

**MULTIPLEX A SEGUIR**

**PARIS**  
LÉA SEYDOUX  
GASPARD ULLIEL

Cabine de Imprensa  
Local: Unibanco Arteplex - Shopping Frei Caneca  
Rua Frei Caneca, 959 - 3º andar  
Dia 17/08 (segunda-feira) e Dia 19/08 (quarta-feira)  
Horário: 10h30  
Estreia prevista para 21 de Agosto!

Apoio Cultural: **Diário**

Na seção de turismo você encontra o melhor roteiro para um bom negócio.

Para anunciar: 3266.9100

**CLASSIFICADOS**  
do Diário